

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na terça (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na terça (em US\$)	Comercial, vend.: terça-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefeito, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+2,46 São Paulo	13.108	0,89 (▲ 0,786%)	24/junho 2,70 25/junho 2,86 26/junho 2,90 27/junho 2,88 30/junho 2,84	3,337 (▼ 0,68%)	350,25 (▼ 0,30%)	25,40	Janeiro/2003 2,25 Fevereiro/2003 1,57 Março/2003 1,23 Abril/2003 0,97 Maio/2003 0,61

## POLÍTICA ECONÔMICA

Um dia depois de o BC prever aumento pífio do Produto Interno Bruto brasileiro, ministro da Fazenda afirma que a economia brasileira dá sinais de recuperação, com as quedas na inflação e na cotação do dólar

# Palocci insiste no crescimento

VICENTE NUNES E  
 DENISE ROTHEMBERG

DA EQUIPE DO CORREIO

As desanimadoras previsões do Banco Central para o crescimento da economia — o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país, deve aumentar apenas 1,5% neste ano — não diminuíram a confiança do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, na retomada da atividade produtiva. Ontem, depois de ser questionado sobre o adiamento do “espetáculo do crescimento” prometido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a partir deste mês, ele insistiu: “Creio que ainda será possível crescer 2% neste ano”. Analistas que ouviram o ministro disseram que até entendiam seu otimismo, mas as declarações, dada a situação atual da economia, foram vistas como palavras ao vento. Sobretudo depois de a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) ter divulgado retração de 1,5% em maio na produção industrial.

Palocci afirmou que as pessoas estão olhando as projeções de crescimento de forma isolada, e não levando em conta o tamanho do choque ao qual o Brasil foi submetido no ano passado, quando os preços do dólar subiram mais de 50% e os índices de inflação ficaram acima de 30%. “O mais importante é que o país está conseguindo sair de uma extrema crise econômica sem ter decréscimo no seu PIB”, ressaltou. Segundo o ministro, em países com choques semelhantes, a economia apresentou retração de 3%, 4%, 7%. “O Brasil está sendo uma exceção. Saiu da crise com crescimento do PIB no ano passado e neste ano. Esse é um dado muito importante, que nos permite estabelecer uma agenda de grande crescimento para os próximos anos”, destacou.

Na avaliação do ministro, o fundamental na discussão sobre crescimento é que as atuais condições econômicas estão permitindo a retomada da produção. Essa visão foi reforçada pelo presidente do BC, Henrique Meirelles. Para ele, as previsões divulgadas pelo banco não indicam o crescimento que o país precisa. “É inferior ao que deve prevalecer nos próximos anos, mas será um desempenho extraordinário quando comparado à contração do PIB enfrentada por países que passaram por crise similar à do Brasil”.

Para o ministro, uma das condições para o crescimento econômico sustentado é garantir que haja crédito às pessoas mais pobres, para que possam consumir, e às empresas de menor porte, para que invistam e criem empregos. Não foi à toa, segundo ele, que o governo lançou, na semana passada, uma pacote para incentivar o microcrédito e o aumento das cooperativas. “Essa é uma questão prioritária para o governo e vamos adotar novas medidas, se necessário”, avisou. No entender de Palocci, é preciso

começar a recuperação da economia pelas pessoas que mais precisam e pelas empresas mais frágeis. “É assim que nós daremos mais simetria ao desenvolvimento econômico.”

As baixas perspectivas de crescimento levaram o ministro da Fazenda ao Congresso ontem. Foi uma forma de dar argumentos para que petistas e parlamentares aliados possam rebater as críticas da oposição a respeito da estagnação do país. “Sou realista e otimista. Os juros agora estão em escala decrescente. Mas é preciso entender que a retomada do desenvolvimento não é só juros. O país virou a página da inflação explosiva e da falta de crédito”, disse Palocci, segundo relato de senadores.

### Sinais

Na visão dos parlamentares, o ministro deu a entender que as “dificuldades estão nos olhos da sociedade” e que, a economia já deu sensíveis sinais de melhoria em relação ao ano passado. E deu informações que serão valiosas no embate do plenário, como, por exemplo, a relação dívida pública com o PIB. Palocci lembrou que, em 2002, o jornal inglês *Financial Times* publicou um artigo referindo-se ao colapso do Brasil, e apontava como um dos fatores o fato de a dívida ter superado 62% do PIB. “Hoje, essa relação já caiu (está em 53,6%). Antes, tínhamos um capital de curto prazo que agora está sendo substituído por capital de longo prazo”, relatou Palocci.

Os senadores, no entanto, sentiram falta de números que possam reforçar essa visão. Segundo o senador Fernando Bezerra (PTB-RN), o ministro não mencionou o patamar das reservas cambiais. “Nós sabemos que está em US\$ 14 bilhões e US\$ 15 bilhões, o que é pouco”, afirmou. O líder do PT no Senado, Jorge Viana (AC), disse que Palocci mostrou preocupação com relação aos aumentos dos compulsórios bancários, que dificultam o crédito. De acordo com o senador, o ministro entende que os bancos precisam de mais liberdade de fluxo de caixa para assegurar o financiamento. Mas não informou quando os compulsórios vão diminuir.



“O setor público aumentará seus investimentos. Na primeira revisão do Orçamento de 2003, conseguimos liberar R\$ 1,5 bilhão, dos quais R\$ 1,1 bilhão para os ministérios que cuidam de infra-estrutura.”

“A economia vai se levantar como um todo. E o país vai oferecer crédito aos mais frágeis, para que pessoas possam consumir e as empresas fazerem seus investimentos”

“Para um país que enfrentou uma crise da proporção do ano passado, estamos muito bem. Em outros países submetidos ao mesmo tipo de choque, o PIB caiu até 7%.”

“Brasil vai crescer 2% em 2003. As condições macroeconômicas estão mostrando isso e vamos ter grande taxas de crescimento nos próximos anos.”

### EXPECTATIVAS DO MERCADO PARA 2003

Indicadores	Em 30 de abril	Em 30 de junho	Variação (pontos percentuais)
IPCA	12,39%	11,16%	-1,23
IPC-Fipe	11,49%	10,12%	-1,37
IGP-DI	14,32%	10,23%	-4,09
IGP-M	14,98%	11,08%	-3,90
IPA-DI	14,51%	9,19%	-5,32
Dólar	R\$ 3,40	R\$ 3,19	-6,18 (*)
Preços administrados	16,01	14,00	-2,01

(\*) Variação percentual  
 Fonte: Banco Central

## Injeção de ânimo

O Banco Central reforçou ontem a melhora no cenário macroeconômico do país. Divulgou um relatório mostrando a substancial queda nas previsões de inflação do mercado financeiro, o que, na avaliação dos especialistas, abre espaço para a queda dos juros e dá um certo ânimo às projeções feitas na véspera, pelo ex-diretor de Política Econômica do banco Ilan Goldfajn, de que o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de riquezas do país, crescerá apenas 1,5% neste ano.

Segundo o levantamento do BC, a queda nos preços tem sido mais intensa nos índices gerais (IGPs), que refletem mais diretamente o comportamento do dólar. Entre 30 de abril e 30 de junho — de acordo com a Gerência Executiva de Relacionamento com Investidores (Gerin) — as estimativas para o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) do ano despencaram de 14,98% para 11,08%, uma diferença de 3,9 pontos percentuais. No caso do Índice Geral de Preços — Disponibilidade Interna (IGP-DI), as previsões encolheram de 14,32% para 10,23%, um recuo de 4,09 pontos percentuais.

Já o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA),

que serve de parâmetro para as metas de inflação do governo, baixou, também entre 30 de abril e 30 de junho, de 12,39% para 11,16%. O Banco Central acredita, porém, que há mais espaço para queda do IPCA. A previsão de Goldfajn, que deixou ontem a instituição, substituído por Afonso Beviláqua, é de um índice de 10,2%, ainda bem acima da meta ajustada de 8,5%. O BC está apostando no IPCA mais baixo baseado em novas reduções nos preços dos combustíveis, previstas para o final da semana.

Pelas contas do Banco Central, junto com as estimativas de inflação, o mercado ainda derrubou a estimativa para o fechamento do dólar no ano. Em abril, as instituições financeiras e empresas de consultoria consultadas pelo banco apostavam em um dólar de R\$ 3,40 no final de dezembro. Agora, acreditam que a moeda norte-americana, que está no nível mais baixo dos últimos 12 meses (*veja matéria na página 12*), encerrará 2003 valendo R\$ 3,19, uma revisão para baixo de 6,18%. O dólar em baixa mina todos os argumentos da indústria e do comércio para o repasse de custos aos preços, a chamada inércia inflacionária. (VN)